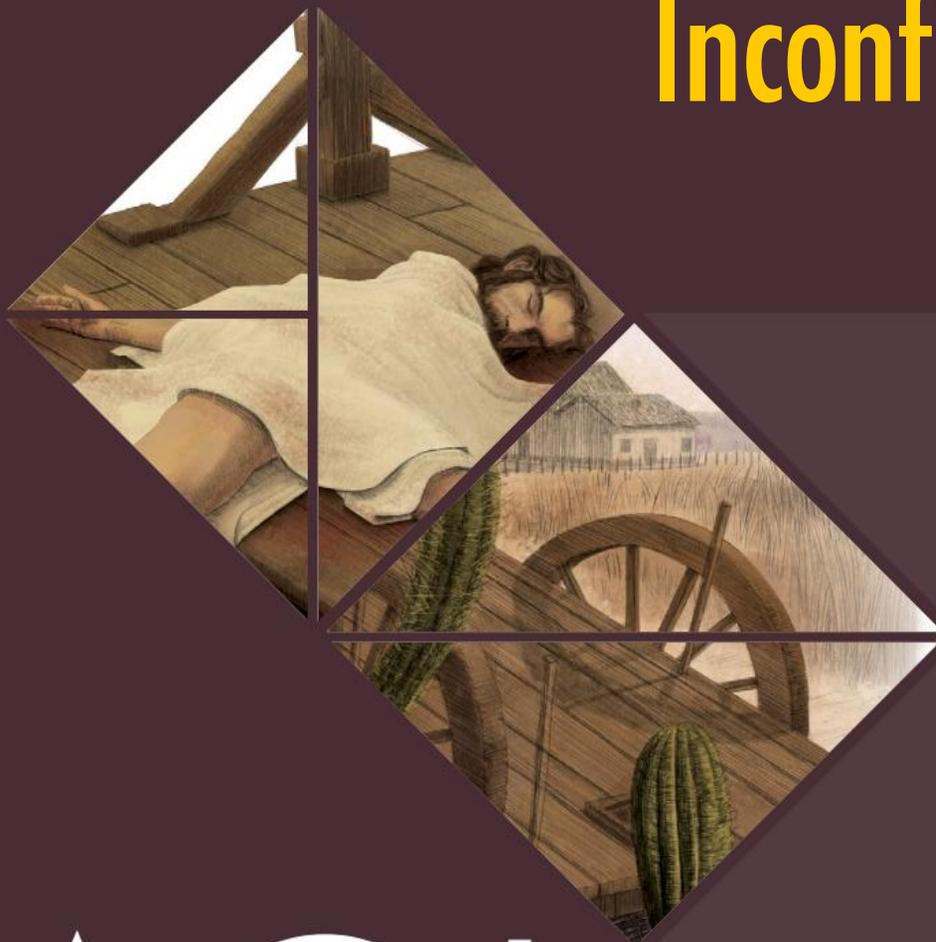


# Romanceiro da Inconfidência

de Cecília Meireles  
por Larissa Andrioli



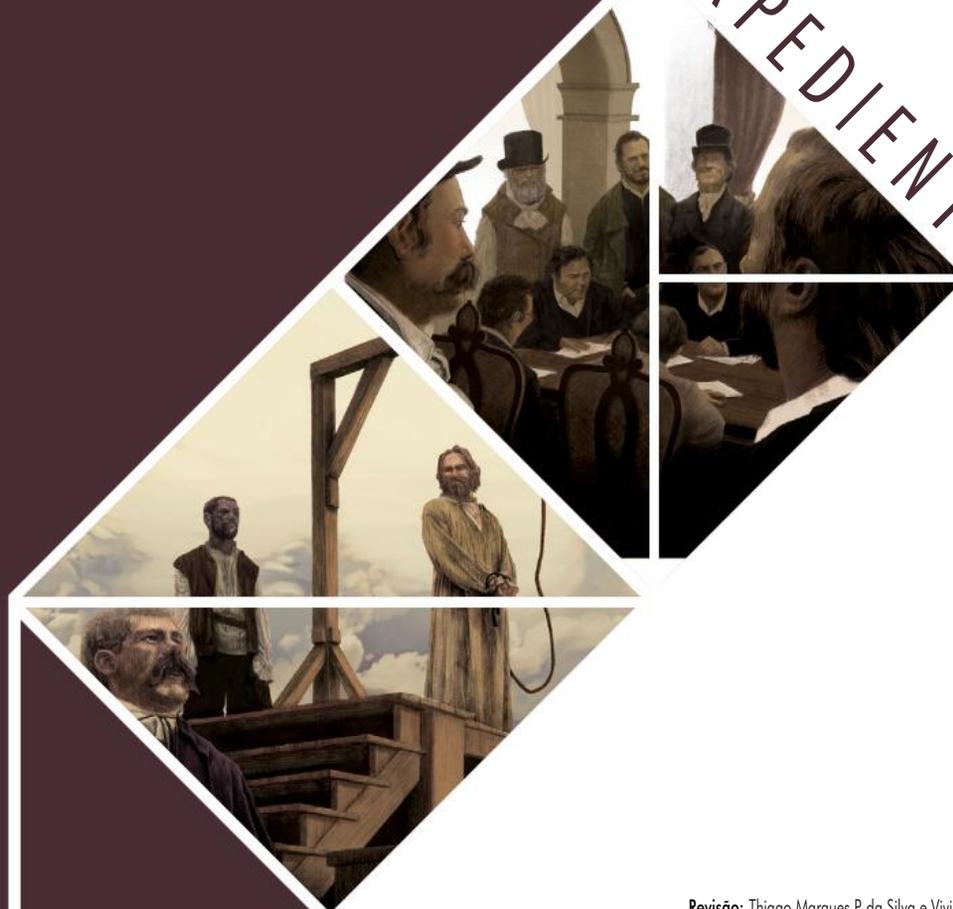
# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

# EXPEDIENTE



**Autoria:** Larissa Andrioli

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Direção editorial:** Sandra Carla Ferreira de Castro

**Gerência editorial:** Wagner Nicaretta

**Coordenação de projeto editorial:** Brunna Mayra Vieira da Conceição

**Edição de conteúdo:** Mariana Castelo Queiroz Toledo

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Gerência de produção editorial:** Andréa Cozzolino

**Coordenação de edição de texto:** Anaiza Castellani Selingardi

**Edição de texto:** Cláudio Leyria

**Coordenação de revisão:** Carla Vieira Cardoso Egídio

**Revisão:** Thiago Marques P. da Silva e Vivian Prado de Souza

**Coordenação de arte:** Kleber S. Portela e Leonardo Pires

**Diagramação:** Alexandre Moreira Lemes e Guilherme Oliveira

**Ilustração:** Robson Araújo

**Projeto gráfico e capa:** Kleber S. Portela

**Coordenação de licenciamento e iconografia:** Leticia Palaria de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Jade Cristina Bernardino

**Coordenação de planejamento editorial:** Rodolfo da Silva Alves

**Planejamento editorial:** Caroline Barbosa Lopes do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

**Coordenação de PCP:** Anderson Flávio Correia

**Analista de PCP:** Vandrê Luis Soares

**Colaboração externa:** Érica M. Bettioni Hayashibara (edição de texto) e Cristiane Carvalho (revisão)

**Impressão e acabamento:** PifferPrint



**Coleção AOL**

Copyright © Editora Poliedro, 2020.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

# Romanceiro da Inconfidência

de Cecília Meireles

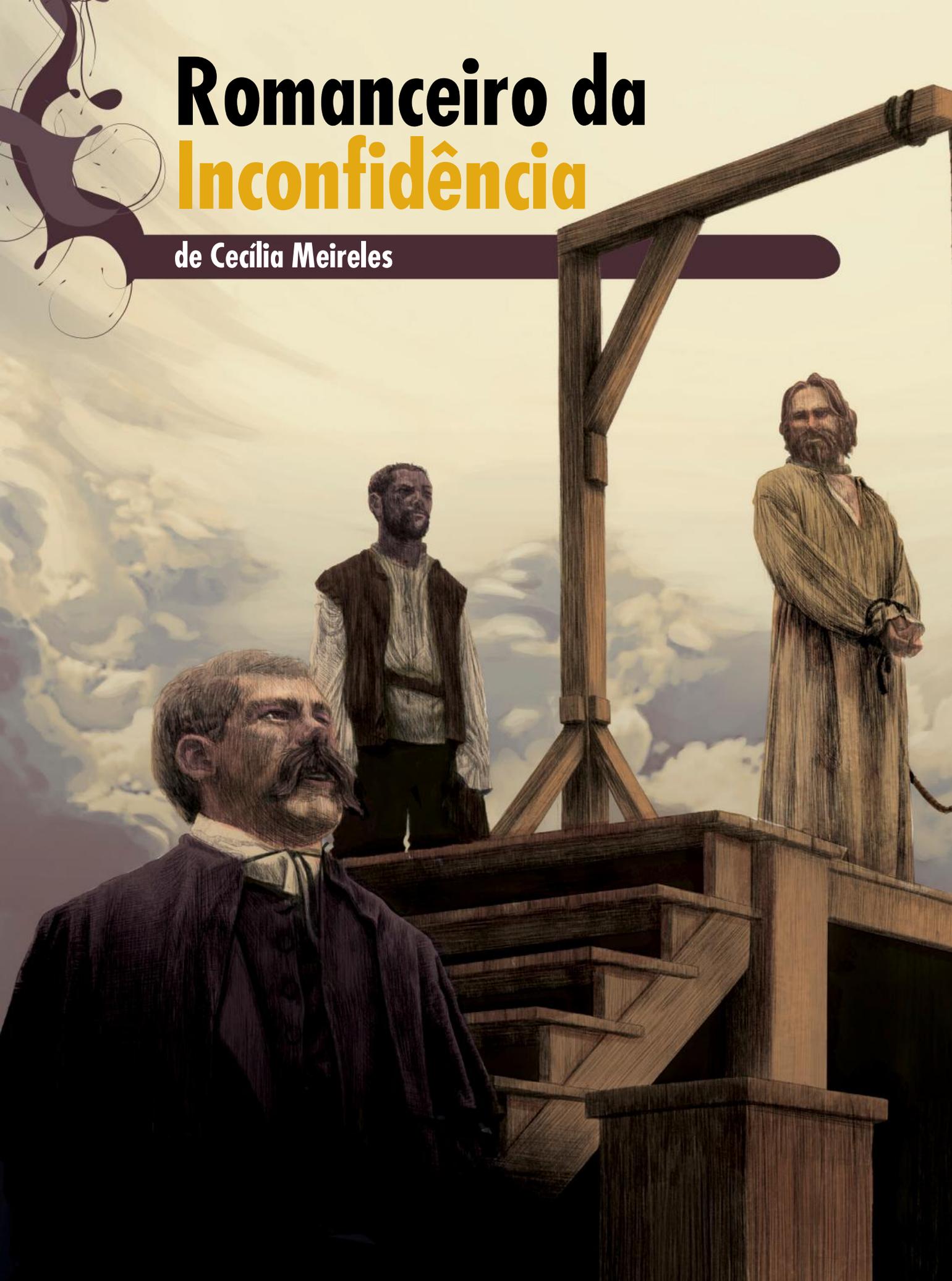


# AOL

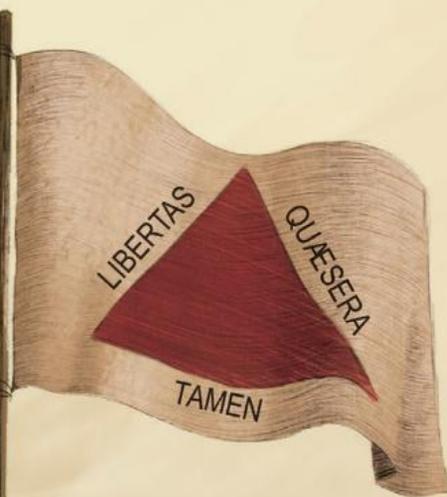
Análise de Obras Literárias

# Romanceiro da Inconfidência

de Cecília Meireles



*Cecília Meireles é um dos grandes nomes da poesia brasileira. Com vasta obra publicada, a poeta cravou sua marca definitiva ao escrever Romanceiro da Inconfidência, abordando o episódio da Inconfidência Mineira sob uma perspectiva poética, criativa e artística.*



## INTRODUÇÃO ▼

A construção da ideia de uma nação passa pela elaboração de mitos e tradições que possam contribuir para a compreensão da unidade nacional. Assim, símbolos são escolhidos para compor um projeto político que interessa àquele momento social. No Brasil, uma dessas criações foi a figura de Tiradentes como um mártir republicano do movimento conhecido como Inconfidência Mineira.

Reunindo um grupo de pessoas que se sentiam prejudicadas, entre outras coisas, pelas políticas da Coroa portuguesa com relação à taxaço do ouro, a Inconfidência foi uma tentativa de levante que, devido a uma delação, falhou antes de acontecer.

Anos mais tarde, no final do século XIX, a república brasileira, ainda jovem, resgatou o episódio da Inconfidência, promovendo-a como um evento patriótico e apoiando-se na figura do alferes Tiradentes como um grande herói brasileiro. Dessa forma, buscava-se implementar no imaginário popular um símbolo nacional que unisse o povo ao redor do projeto republicano.

O *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, é essencial para entender essa questão. A autora joga outras cores sobre o mito de Tiradentes, fazendo com que a obra se destaque, no meio de suas numerosas publicações, como sua mais importante criação e um dos mais relevantes livros da história da literatura brasileira.

## SOBRE A AUTORA ▼

Pequena biografia da autora

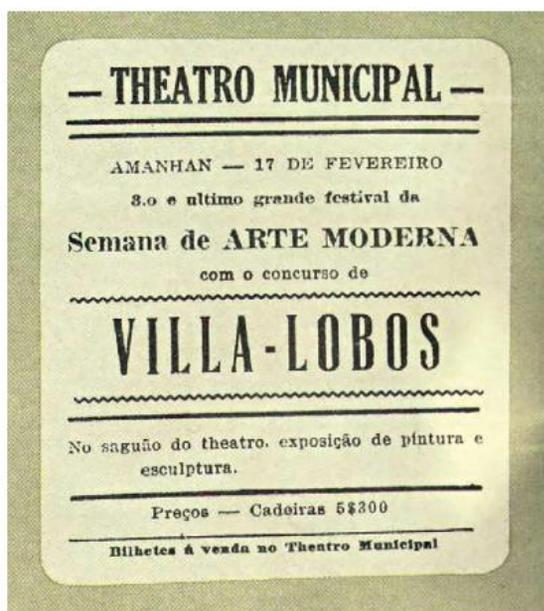


**CECÍLIA  
MEIRELES**

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro em 1901, filha de Carlos Alberto Meireles e Mathilde Meireles. Ficou órfã muito cedo: perdeu o pai poucos meses antes de nascer e a mãe quando tinha apenas 3 anos. Por isso, passou a infância com a avó materna, Jacinta Benevides, que despertou na menina o interesse pelo folclore brasileiro.

Desde cedo, Cecília esteve envolvida com a escrita e com a música; estudou canto, violão e violino no Conservatório Nacional. Coursou o Ensino Fundamental na Escola Municipal Estácio de Sá, onde se destacou com louvor por seu desempenho, e foi agraciada com uma medalha pelo inspetor escolar do Distrito Federal (que, na época, era a cidade do Rio de Janeiro), o poeta Olavo Bilac. Em 1917, formou-se na Escola Normal do Distrito Federal e foi escolhida, por consenso, para ser a oradora da turma. Iniciou a carreira como docente na Escola Pública Deodoro e escreveu livros didáticos e paradidáticos.

Seu primeiro livro, *Espectros*, publicado em 1919, é composto de sonetos sobre temas históricos, lendários, mitológicos e religiosos. Com forte influência simbolista, a obra é carregada de musicalidade e melancolia, ao contrário da maior parte das publicações da época. Em 1922, casou-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias, o que a aproximou do movimento poético do início do século XX em Portugal. Já com a Semana de Arte Moderna não teve muito contato.



Cartaz da Semana de Arte Moderna.

No ano seguinte, publicou seu segundo livro, *Nunca mais... e poema dos poemas*, também com características simbolistas e com ilustrações de seu marido. Em 1935, Fernando comete suicídio em decorrência dos anos em depressão. Cecília casou-se novamente em 1940, com o engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira.

Cecília traduziu também poemas e dramas, inclusive peças de García Lorca, e foi a primeira mulher a receber o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. No entanto, não chegou a ser admitida na instituição (a primeira cadeira da Academia ofertada a uma mulher seria somente na década de 1970, a Rachel de Queiroz).

## A autora e seu período

A obra de Cecília Meireles é geralmente classificada como parte da segunda fase do Modernismo, mas apresenta muitas influências do Simbolismo, do Romantismo e do Parnasianismo. Do Simbolismo, a autora herdou a musicalidade, as técnicas tradicionais de estruturação dos versos (como os sonetos) e uma parte da temática desse movimento, como o amor, a morte, a efemeridade e o eterno.

### Observação:

O Modernismo foi um movimento literário, artístico, arquitetônico e filosófico impulsionado pelas mudanças e pelos conflitos sociais do início do século XX. A conturbação do período, marcado pela Revolução Russa (1917) e pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), impactou profundamente a sociedade, afetando toda a produção intelectual e artística da época. No Brasil, o Modernismo é dividido em três fases: a primeira, também conhecida como “fase heroica”, iniciou-se com a Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo, e se estendeu até 1930; a segunda, conhecida como “Geração de 30”, teve como marco inicial o lançamento do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, em 1930 e se encerrou em 1945; e a terceira e última fase do movimento, também chamada de “Geração de 45”, iniciou-se com a publicação do livro *O engenheiro*, de Haroldo de Campos, e se estendeu até 1980.

A segunda geração modernista foi marcada principalmente por seu envolvimento com a política e a crítica social. Um destaque é a ficção regionalista nordestina de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Outra marca importante dessa geração é a revitalização do gênero crônica, que viu surgir, nesse período, aquele que é considerado seu maior representante, o carioca Rubem Braga.

No que diz respeito às características da produção literária, a segunda fase do Modernismo foi marcada pela liberdade de escolha entre o uso dos versos livres típicos da primeira fase e o dos versos mais restritos dos sonetos e madrigais, sem que isso significasse, necessariamente, um retorno às formas estéticas do passado. Feita a ruptura com o padrão estético da época, os poetas podiam reaproximar-se de movimentos anteriores e apropriar-se de suas técnicas e temas.

Investindo na crítica social, sem, no entanto, perder de vista a exploração de temas do cotidiano, essa fase alargou sua abordagem temática para assuntos como inquietações religiosas e existenciais. Assim, o grupo de poetas que se formou em torno da revista carioca *Festa*, como a própria Cecília e Murilo Mendes, retomou elementos da poesia simbolista.



### Observação:

O Simbolismo foi um movimento artístico surgido na França no fim do século XIX. Em meio a crescentes mudanças sociais e políticas provocadas pela expansão do capitalismo, em um contexto em que a razão do positivismo se impunha sobre a sociedade e influenciava a produção cultural, os simbolistas surgiram como uma oposição pessimista ao quadro racional e objetivo da época. Defensores de que a realidade é por demais complexa para ser apreendida de forma objetiva, como propunha a ciência, os autores do movimento simbolista voltaram-se para o interior do ser humano e para os aspectos não lógicos da existência.

Formalmente, o Simbolismo foi marcado pela prática do verso livre (opondo-se ao rigor do verso parnasiano) e por uma linguagem poética, musicada. A poesia simbolista faz uso do ritmo, do sensorial, da sinestesia, de recursos sonoros (como a assonância e a aliteração) e de uma linguagem ornada. Os principais autores simbolistas brasileiros são Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

O Simbolismo e o Parnasianismo conviveram por algumas décadas e, apesar de serem regidos por valores opostos, acabaram por muito se influenciar mutuamente.

O primeiro livro de Cecília Meireles apresenta um curioso movimento de oscilação e combinação entre as duas correntes literárias, com formas muito caras ao Parnasianismo sendo utilizadas para abordar temas místicos e etéreos típicos do Simbolismo, o que prenuncia, de certa forma, sua caminhada para a poesia simbolista.

**Observação:**

O Parnasianismo surgiu na segunda metade do século XIX como um movimento influenciado pelas ideias positivistas vindas da Europa, envolvidas no desenvolvimento de ciências como a Física, a Linguística e a Biologia. Afastados da sociedade e das questões políticas em vigência, os parnasianos simbolizavam a ideia dos poetas na torre de marfim. Suas obras eram destinadas a uma diminuta camada letrada da população e apresentavam preciosismos linguísticos e referências à Antiguidade Clássica. Em oposição aos valores do Romantismo e afastando-se do Naturalismo e do Realismo, encontrados na prosa e responsáveis por análises sociais cruas, o Parnasianismo tem como foco principal o culto à forma poética.

Outra característica importante no movimento é a busca pela objetividade temática, bem como o afastamento do subjetivismo e do sentimentalismo. A ideia mais associada ao movimento é a da “arte pela arte”, ou seja, a criação como um exercício de forma linguística, e não de expressão. Os maiores representantes do Parnasianismo no Brasil, conhecidos como a “tríade parnasiana”, foram os poetas Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

A escritora não se dedicou somente à poesia; ela também publicou prosa sobre assuntos pedagógicos e folclóricos, prosa lírica sobre sua infância e viagens, além de algumas crônicas circunstanciais. Publicou a maior parte dessa produção em jornais e revistas; após a sua morte, esses textos foram compilados e publicados novamente em conjunto.

**A produção literária****Obras da autora**

- *Espectros* (1919)
- *Nunca mais... e poema dos poemas* (1923)
- *Criança, meu amor* (1924)
- *Baladas para El-Rei* (1925)
- *O espírito vitorioso* (1929)
- *Saudação à menina de Portugal* (1930)
- *Batuque, samba e macumba* (1933)
- *A festa das letras* (1937)
- *Rute e Alberto* (1938)
- *Viagem* (1939)
- *Olhinhos de gato* (1940)
- *Vaga música* (1942)
- *Poetas novos de Portugal* (1944)
- *Mar absoluto* (1945)
- *Rui – Pequena história de uma grande vida* (1949)
- *Retrato natural* (1949)
- *Problemas da literatura infantil* (1951)
- *Amor em Leonoreta* (1951)
- *Doze noturnos da Holanda e o Aeronauta* (1952)
- *Romanceiro da Inconfidência* (1953)
- *Pequeno oratório de Santa Clara* (1955)
- *Pistoia* (1955)
- *Panorama folclórico dos Açores* (1955)
- *Canções* (1956)
- *Giroflê, Giroflá* (1956)
- *Romance de Santa Cecília* (1957)
- *A Bíblia na literatura brasileira* (1957)
- *A Rosa* (1957)
- *Obra poética* (1958)
- *Metal Rosicler* (1960)
- *Poemas escritos na Índia* (1961)
- *Poemas de Israel* (1963)
- *Antologia poética* (1963)
- *Solombra* (1963)
- *Ou isto ou aquilo* (1965)
- *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam* (1965)
- *O menino atrasado* (1966)
- *Poésie* (versão francesa) (1967)
- *Poemas italianos* (1968)
- *Elegias* (1974)
- *Flores e canções* (1979)
- *Canção da tarde no campo* (2001)
- *Episódio humano* (2007)

## ASPECTOS GERAIS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA AUTORA ▼

Cecília Meireles retrata de forma modelar a poesia de seu tempo. Participou do resgate da estética simbolista, investindo em uma ambientação imprecisa para abordar temas abstratos, mas também escreveu sobre a temática social, como muitos de seus contemporâneos.

A escritora nunca foi formalmente associada a nenhum movimento literário, mas recebeu muita influência do Simbolismo e, em certo momento, do Parnasianismo. Esteve envolvida com um grupo de poetas da segunda geração modernista chamado Festa, que é conhecido por ter desenvolvido uma poesia espiritualista, muito associada aos simbolistas pela presença recorrente de elementos da natureza e de questões como o tempo, o espaço, a música e a solidão. Nesse aspecto, abordou muito a transitoriedade da vida e a efemeridade do tempo.

### Observação:

É comum ver, em alguns lugares, o uso da palavra “poetisa” para se referir a escritoras. No entanto, o termo carrega a qualificação de algo menor em relação ao termo “poeta”, que pode ser usado para qualquer gênero. Por isso, Cecília Meireles sempre rejeitou o título de poetisa, preferindo reafirmar sua posição como poeta brasileira.

### Glossário

- **Védico:** relativo aos vedas, livros religiosos hinduístas que servem de base para a cultura milenar indiana.

Tanto na poesia simbolista quanto na poesia de Cecília, o mar figura como uma metáfora da fluidez, da transformação incessante e, portanto, do tempo e da eternidade. Os pilares de sua poesia são a água, o sonho, a viagem e a musicalidade. Também demonstra um grande interesse pelo Oriente, especialmente pela Índia, expressando seu fascínio pela filosofia védica, que guia o *Bhagavad Gita* (texto religioso hindu), além de outras doutrinas místicas de diferentes culturas. Ao mesmo tempo, escreveu alguns livros que são releituras poéticas de narrativas cristãs medievais.



Outra questão que figura em sua escrita é o próprio fazer poético, recurso conhecido como metapoesia – ou seja, quando se escreve poesia sobre escrever poesia.

Um de seus poemas mais famosos é “Motivo”. Nele, a autora faz uso de sinestesia e jogos de palavras como recurso de investigação sobre o processo de escrita e o lugar do poeta. Nesse texto aparece também o tema recorrente da fugacidade do tempo, representado na palavra “instante”, que figura no primeiro verso. A ideia do poeta como fingidor, à parte dos sentimentos, também está presente: ao se colocar como nem alegre nem triste, mas sim em outro lugar exclusivo do poeta, do artista, a autora reivindica justamente o distanciamento do sentimentalismo e a entrega do fazer poético em si. A ideia de efemeridade também aparece no resto do poema, representada pela inconstância. Apenas duas coisas se apresentam como certas e fixas: o canto (ou seja, a poesia) e a morte.

Já a faceta religiosa de sua poesia irá aparecer tanto com o cristianismo quanto na abordagem de outras mitologias. No poema “Compromisso”, a poeta coloca-se como portadora de um grande fardo, mas estranha o mundo dos homens. Seu compromisso não é com esta vida, mas com outras vidas, o que se manifesta por meio da necessidade de seguir uma vocação mística. Essa vocação envolve a compreensão instintiva da natureza, desde as raízes da terra até as nuvens do céu. Por isso, aproxima-se da mitologia pagã, na figura da árvore, que representa a síntese da natureza e da vida.

Sua obra mais conhecida é o *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953. O livro é um compilado de poemas compostos em redondilha maior que constroem uma narrativa poética sobre os inconfidentes mineiros do século XVIII. Alternando entre um tom heroico e um tom lírico, a obra caracteriza-se pelo apuro técnico, já típico de sua produção, e pela abordagem de um tema histórico, o que difere um pouco do resto de seus escritos. Esse enredo histórico, no entanto, é construído como alegoria simbólica, não restringindo a leitura ao evento em que se embasa.

## ASPECTOS GERAIS DA OBRA ANALISADA ▼

Embora destoando do conjunto da obra de Cecília Meireles, o *Romanceiro da Inconfidência* acabou por se tornar sua publicação mais famosa. Com uma linguagem comunicativa e mais objetiva, tratando de um assunto que é conhecido de boa parte da população, a obra cresceu entre os leitores. Para além disso, é também um exemplo de grande poesia, reflexiva, com imagens fortes e sugestivas, apelo sensorial e uma base filosófica.

A coletânea conta a história de Minas Gerais, desde o início da colonização, no século XVI, até a Inconfidência, no fim do século XVIII. Sua estrutura é formada por um prólogo (um poema denominado “Fala inicial”), por 85 romances, ou seja, poemas que contam episódios narrativos, por quatro cenários que estabelecem contextos históricos para as narrativas e por um epílogo, chamado “Fala aos inconfidentes mortos”.

Em 1789, guiado pelas ideias iluministas da Europa e inspirado pela independência dos Estados Unidos (1776), um grupo de pessoas tentou organizar um movimento de libertação da colônia brasileira do domínio português. Diante da pesada carga tributária imposta sobre o ouro extraído nas minas, aqueles que viviam disso estavam tornando-se cada vez mais descontentes. Então, donos de minas e alguns profissionais liberais iniciaram uma conspiração contra Portugal no intuito de realizar a libertação da colônia. O movimento, no entanto, foi delatado por um de seus participantes, e os envolvidos foram presos e condenados. Todos foram exilados, exceto Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, que foi executado na forca e, posteriormente, esquartejado.



Embora a obra seja composta de narrativas, a autora adota um tom mais lírico e posiciona-se ao lado dos derrotados da revolta, que posteriormente serão transformados em heróis da Independência. Nesse sentido, a obra funciona como uma denúncia do sistema colonial ibérico, que se apoiava sobre a opressão e a exploração. A partir de um novo olhar lançado sobre aquele período histórico do Brasil, o que Cecília propõe é uma reflexão metafísica e filosófica sobre a existência e a condição humanas. Colocando Tiradentes como uma representação de Cristo, o livro vai fortalecer a narrativa heroica dos inconfindentes e a tentativa de criação de uma identidade brasileira por meio de mitos.

Surgido na Idade Média, o gênero romanceiro é uma coleção de poesias de caráter popular tradicional na Ibéria. Normalmente, apresenta um tema central em torno do qual os poemas giram. Cada parte (ou cada poema) é intitulada romance; daí o nome “romanceiro”.

*Romanceiro da Inconfidência* combina dados históricos com elementos ficcionais, relatos, monólogos e diálogos de tempos e espaços diferentes para criar um fio narrativo que atravessa todos os romances, sem que a ação se torne mais relevante que a reflexão proposta pela autora. Trata-se de uma obra panorâmica, embora seja perceptivelmente dividida em cinco partes: a da ambientação, a da trama e frustração, a da morte de Cláudio e Tiradentes, a das desventuras de Gonzaga e Alvarenga e, finalmente, a da presença da Rainha D. Maria no Brasil.

A primeira parte, que abarca os romances I a XIX, inicia-se com a evocação do sacrifício de Tiradentes e do cenário em que surgiu a conjuração. A segunda parte vai do romance XX até o XLVII e é precedida por indicações de lugar, para então revelar a conspiração, seu fracasso e o prenúncio do infortúnio. A terceira parte é constituída pelos romances XLVIII a LXIV e foca na morte de Cláudio Manuel da Costa e de Tiradentes, com o mistério em torno do suicídio de Cláudio auxiliando a compor a atmosfera lendária que cerca o destino dos conjurados. A penúltima parte, constituída pelos romances LXV a LXXX, inicia-se com um cenário que evoca o ambiente em que Gonzaga viveu e as

desventuras que o acompanharam, bem como a tragédia que paira sobre a família de Alvarenga. Por fim, a última parte (romances LXXXI a LXXXV) apresenta um outro plano temporal e aborda D. Maria I contemplando a terra em que o drama se desenrolou, ao lavrar as sentenças de morte dos inconfidentes.

A principal medida de verso utilizada nos poemas é a medida velha; trata-se da combinação da redondilha menor (versos de cinco sílabas poéticas) com a redondilha maior (versos de sete sílabas poéticas). Entretanto, a autora não se mostra completamente presa a esses modelos, fazendo uso também de versos mais curtos ou mais longos. As rimas utilizadas são tanto as imperfeitas (quando as terminações dos versos que rimam são semelhantes) quanto as perfeitas (quando há terminação idêntica nos sons consonantais e vocálicos). Isso se justifica, de acordo com a própria autora, pela origem “natural” do livro; para ela, cada poema assumiu a forma condizente com a mensagem que passa, de modo que há maior fluidez na narrativa.

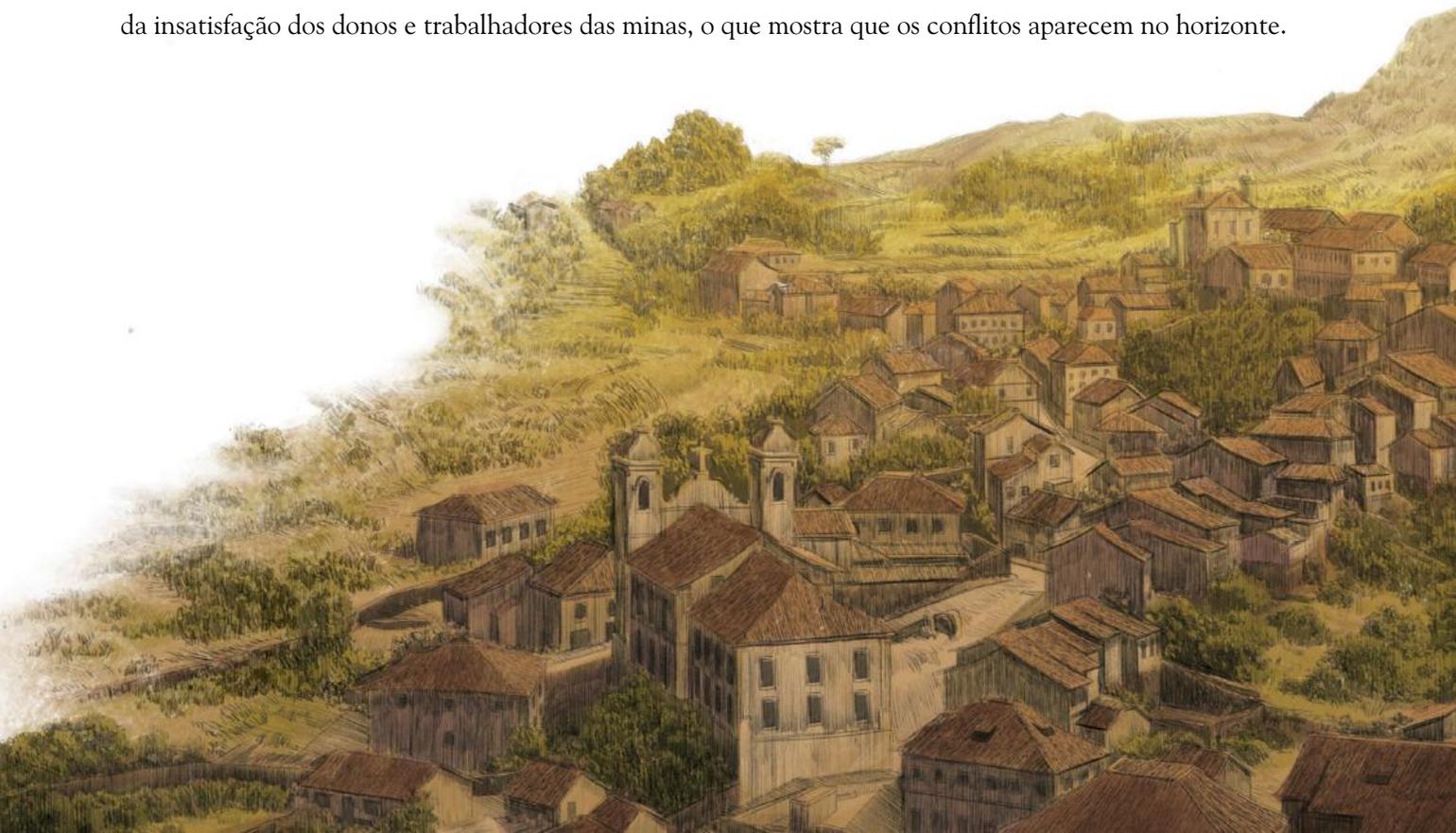
### Primeira parte (“Fala inicial”, primeiro “Cenário” e romances I-XIX)

Os primeiros poemas pintam o cenário da descoberta do ouro até sua exploração. No poema de abertura “Fala inicial”, é apontado o tema central da obra e mencionada a morte de Tiradentes. Em uma pergunta direcionada ao dia 21 de abril, indaga-se que tipo de intriga, ouro e sonho constam na formação dele. É esse questionamento que a obra se propõe a responder.

Mostra-se o cenário de Ouro Preto. O eu lírico observa e escuta tudo o que é dito e contado ao redor sobre a história. Alguns romances abordam as condições dos escravos, enquanto outros mostram a suntuosa corte de Portugal, financiada com a exploração da colônia. Esse contraste é colocado justamente para denunciar a problemática do domínio português sobre o território brasileiro.

No romance XII, Tiradentes é mostrado em sua infância. Ambientado na década de 1750, o poema aponta para o futuro que a criança irá enfrentar: a forca. Outro prelúdio que aparece nessa primeira parte é referente ao próprio movimento da Inconfidência, que será retomada nos últimos três romances.

O romance XVIII questiona a permanência das riquezas e do poder. Ao mesmo tempo, vemos o crescimento da insatisfação dos donos e trabalhadores das minas, o que mostra que os conflitos aparecem no horizonte.



## Segunda parte (romances XX-XLVII)

A segunda parte também é iniciada por um “Cenário”; este é fragmentado, mencionando pequenos elementos da cidade e evocando a antiga Vila Rica. O poema que vem a seguir, que se trata de uma “Fala”, dirige-se justamente a Vila Rica e a seus fantasmas, perguntando se essas vozes do passado já cessaram de falar ou ainda continuam.

O foco dos romances dessa parte da obra serão as ideias de liberdade, a organização do movimento de inconfidência e a traição, culminando na execução de Tiradentes. São apresentados os integrantes do “país da Arcádia”, os poetas e intelectuais que se envolveram na organização, entre eles Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa.

No romance XXIV, é narrado o encontro dos inconfidentes a portas fechadas, o momento em que homens ricos, trabalhadores, intelectuais, religiosos e poetas reúnem-se para tramar pela liberdade e criar a bandeira da Inconfidência (que, posteriormente, viria a se tornar a bandeira do estado de Minas Gerais).



No romance XXVII, somos apresentados a Tiradentes, mostrado como um homem bondoso, prestativo e com grande conhecimento de fármacos. No poema seguinte, conhecemos Joaquim Silvério, o delator, referido como uma pessoa covarde e invejosa, descrito de forma cruel e ácida pelo locutor. Ele também é o tema dos romances XXIX e XXXIV, nos quais é comparado a Judas. Trata-se de uma analogia que se encaixa perfeitamente na ideia da autora de colocar Tiradentes como uma representação de Cristo. A perseguição e a captura de Tiradentes são narradas nos romances seguintes, bem como o abandono em seus últimos dias, sem que alguém tentasse defendê-lo.

O romance XXXVIII narra um episódio curioso: entre os dias 17 e 18 de maio, uma figura encapuzada, trazendo roupas femininas, foi a Vila Rica para avisar a todos os inconfidentes sobre a prisão do alferes. Ela orientou que queimassem todos os papéis que pudessem comprometê-los e, depois, fugissem. Essa figura realmente existiu, embora nunca tenha sido identificada.



### Terceira parte (romances XLVIII-LXIV)

Os poemas seguintes, que compõem a terceira parte do livro, narram uma série de prisões de inconfidentes: Francisco Antônio, um fazendeiro; Vitoriano, um alferes; o sapateiro Capanema; e o Padre Rolim, único inconfidente a oferecer grande dificuldade de ser preso, por ter se escondido por muito tempo. Já no romance XLIII, vemos por que Tiradentes foi o único condenado à morte: por não possuir casa, terras ou bens, nem parentes ou amigos, o alferes era o homem mais fraco do grupo, politicamente falando. Os outros, sendo ricos, não podiam ser punidos por um sistema corrupto.

O romance LIII trata do poder destrutivo das palavras, que, apesar de efêmeras, são também responsáveis pelo sentido da vida. A mesma potência que elas têm para espalhar as ideias de liberdade é usada para condenar à morte o homem que defendia esses ideais.

O último poema antes da transição para o cenário seguinte, o romance LXIV, fala sobre uma pedra crisólita como representação da liberdade.

Tiradentes é representado como aquele que sai de casa com o intuito de lapidar a pedra, carregando a liberdade nas mãos para torná-la possível, mas morre antes de vê-la polida e fora da escuridão.

## Quarta parte (romances LXV-LXXX)

A parte seguinte do livro vai ainda tratar das consequências sofridas por alguns dos personagens. O cenário apresentado é o jardim de Tomás Antônio Gonzaga, utilizado para demonstrar a solidão que restou após sua prisão. Os romances LXV, LXVI e LXVII falam sobre ele na África, desolado, após deixar Vila Rica e Marília para trás. Já o romance LXXIII discorre sobre a descoberta de Marília a respeito do casamento de Gonzaga na África, durante seu exílio.

O romance LXXIV se volta para a Rainha D. Maria I e sua prisão em si mesma após enlouquecer. Também são relatados, nos poemas seguintes, o exílio de Alvarenga Peixoto na África e a loucura de Dona Bárbara Heliodora, sua esposa, após a morte da filha dos dois.



## Quinta parte (retrato de Marília em Antônio Dias, romances LXXXI-LXXXV e “Fala aos inconfidentes mortos”)

A última parte do livro apresenta um tom decadente e melancólico. Inicia-se com um retrato de Marília em Antônio Dias e o prenúncio de sua morte. O cenário apresentado é narrado por D. Maria, sem sanidade e corroída pelo remorso, olhando o Rio de Janeiro e lembrando a morte dos inconfidentes. Há um romance dedicado aos cavalos que foram utilizados na Inconfidência, em uma tentativa de apresentar algumas vozes que foram apagadas da história. O último poema do livro é dirigido diretamente aos inconfidentes mortos.

### Observação:

O poema que aborda os cavalos repete diversas vezes o verso “Eles eram muitos cavalos”, que acabou por ser também o título do livro publicado pelo escritor Luiz Ruffato em 2001. A obra, que é composta de fragmentos de narrativas de pessoas na cidade de São Paulo, foi um sucesso de público e crítica e traduzido para diversos idiomas.

Cecília termina o livro com uma pergunta, deixando no ar a crítica e o questionamento sobre a seletividade da justiça dos homens e da justiça do tempo. Assim, o que fica perceptível no *Romanceiro da Inconfidência* é a habilidade da autora em transitar do passado histórico para uma dimensão simbólica da política no Brasil. Os poemas que compõem a obra transparecem as múltiplas faces da escritora: a sensibilidade, o compromisso estético, a estrutura narrativa e a defesa de ideais libertários.

# QUESTÕES

➤ Texto para responder às questões 1 e 2.

## ROMANCE XXXIV OU DE JOAQUIM SILVÉRIO

*Melhor negócio que Judas  
fazes tu, Joaquim Silvério:  
que ele traiu Jesus Cristo,  
tu traís um simples Alferes.  
Recebeu trinta dinheiros...  
– e tu muitas coisas pedes:  
pensão para toda a vida,  
perdão para quanto deves,  
comenda para o pescoço,  
honras, glória, privilégios.  
E andas tão bem na cobrança  
que quase tudo recebes!*

*Melhor negócio que Judas  
fazes tu, Joaquim Silvério!  
Pois ele encontra remorso,  
coisa que não te acomete.  
Ele topa uma figueira,  
tu calmamente envelheces,  
orgulhoso impenitente,  
com teus sombrios mistérios.  
(Pelos caminhos do mundo,  
nenhum destino se perde:  
há os grandes sonhos dos homens,  
e a surda força dos vermes.)*

MEIRELLES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*.

**1. Fatec** Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

I. O emissor assume postura argumentativa ao expressar juízos de valor sobre as ações de ambos os traidores célebres.

- II. A significação do texto constrói-se com base numa ampla comparação, na qual se destaca crítica mais contundente à traição praticada por Joaquim Silvério.
- III. O emissor enfatiza as vantagens obtidas pelos atos de Joaquim Silvério, como forma de expor sua vileza.
- IV. Os versos finais, postos entre parênteses, contêm um comentário de natureza ética e generalizante que expressa o tema do texto.

Estão corretas as afirmações:

- A I e III, apenas.
- B II e IV, apenas.
- C I, III e IV, apenas.
- D II, III e IV, apenas.
- E I, II, III e IV.

**2. Fatec** À vista dos traços estilísticos, é correto afirmar que o texto de Cecília Meirelles

- A representa grande inovação na construção dos versos, marcando-se sua obra por experimentalismo radical da linguagem e referência a fontes vivas da língua popular.
- B é despida de sentimentalismo e pautada pelo culto formal expresso na riqueza das rimas e na temática de cunho social.
- C simula um diálogo, adotando linguagem na qual predomina a função apelativa, e opta por versos brancos, de ritmo popular (caso dos versos de sete sílabas métricas).
- D expressa sua eloquência na escolha de temática greco-romana e nas tendências conservadoras típicas do rigor formal de sua linguagem.
- E é de tendência descritiva e heroica, adotando a sátira para expressar a crítica às instituições sociais falidas.

**3. UFPR** Leia atentamente este trecho do *Romanceiro da Inconfidência*:

Aqui esteve o noivo,  
de agulha e dedal,  
bordando o vestido  
do seu enxoval.

Em Maio, era em Maio,  
num Maio fatal;  
feneciam rosas  
pelo seu quintal.  
Por estrada e monte,  
neblina total.  
No perfil da lua,  
um nimbo mortal.  
(Mas quem lê na névoa  
o amargo sinal?)

A noite da Vila  
é densa e glacial.  
O sono, embuçado  
em cada beiral.  
Quem não dorme, sonha  
com seu enxoval.

A agulha, de prata,  
e de ouro, o dedal.  
Em haste de cera,  
ergue o castiçal  
para a turva noite  
lírio de cristal.

“Sabeis, ó pastora,  
daquele zagal\*  
que andava num prado  
sobrenatural?

Teria inimigo?  
Teria rival?”

O sono conversa  
em cada poial\*\*.

“Sabeis, ó pastora,  
quem seja o chacal  
que os passos arrasta  
de longe arraial?

Eu vi sua língua  
é um negro punhal.  
Que mortes fareja  
o imundo animal?”

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*.  
São Paulo: Edusp/Imesp, 2004. p. 149.

O *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, vincula-se a uma tradição literária que prevê a mescla de gêneros. No livro, a recriação de fatos históricos, as falas de personagens espalhadas por toda a peça e a linguagem repleta de recursos expressivos poéticos resultam em uma obra singular. Com base nisso, considere as seguintes afirmativas:

1. A primeira estrofe apresenta o personagem central e sua ação anterior a uma reviravolta.
2. A segunda estrofe possui imagens líricas que podem ser associadas à poética do personagem retratado, como o *carpe diem* presente no verso “feneciam rosas”.
3. A contraposição entre dormir e sonhar, na terceira estrofe, é desenvolvida no diálogo entre a pastora e o sono, transcrito entre aspas.
4. O diálogo final atenua gradativamente a aflição inicial ao apresentar um conjunto de interrogações estruturadas em linguagem figurada.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- B) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- C) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- D) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- E) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

\*Zagal: pastor; \*\*Poial: assento de pedra na entrada de uma casa.

**4. Fuvest** Como o próprio título indica, no *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, os romances têm como referência nuclear a frustrada rebelião na Vila Rica do Século XVIII. No entanto, deve-se reconhecer que:

- (A) A base histórica utilizada no poema converte-se no lirismo transcendente e amargo que caracteriza as outras obras da autora.
- (B) As intenções ideológicas da autora e a estrutura narrativa do poema emprestam ao texto as virtudes de uma elaborada prosa poética.
- (C) A imaginação poética dá à autora a possibilidade de interferir no curso dos episódios essenciais da rebelião, alterando-lhes o rumo.
- (D) A matéria histórica tanto alimenta a expressão poética no desenvolvimento dos fatos centrais quanto motiva o lirismo reflexivo.
- (E) A preocupação com a fidedignidade histórica e com o tom épico atenua o sentimento dramático da vida, habitual na poesia da autora.

### 5. Enem 2012

*Ai, palavras, ai, palavras  
que estranha potência a vossa!*

*Todo o sentido da vida  
princípio a vossa porta:  
o mel do amor cristaliza  
seu perfume em vossa rosa;  
sois o sonho e sois a audácia,  
calúnia, fúria, derrota...*

*A liberdade das almas,  
ai! Com letras se elabora...  
E dos venenos humanos  
sois a mais fina retorta:  
frágil, frágil, como o vidro  
e mais que o aço poderosa!  
Reis, impérios, povos, tempos,  
pelo vosso impulso rodam...*

MEIRELES, C. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985 (fragmento).

O fragmento destacado foi transcrito do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Centralizada no

episódio histórico da Inconfidência Mineira, a obra, no entanto, elabora uma reflexão mais ampla sobre a seguinte relação entre o homem e a linguagem:

- (A) A força e a resistência humanas superam os danos provocados pelo poder corrosivo das palavras.
- (B) As relações humanas, em suas múltiplas esferas, têm seu equilíbrio vinculado ao significado das palavras.
- (C) O significado dos nomes não expressa de forma justa e completa a grandeza da luta do homem pela vida.
- (D) Renovando o significado das palavras, o tempo permite às gerações perpetuar seus valores e suas crenças.
- (E) Como produto da criatividade humana, a linguagem tem seu alcance limitado pelas intenções e gestos.

### 6. Ufop

Leia os textos abaixo.

*“Toda vez que um justo grita,  
um carrasco o vem calar;  
quem não presta fica vivo;  
quem é bom, mandam matar.”*

MEIRELES, Cecília – *Romanceiro da Inconfidência*.

*“Ao passar estava falando,  
vinha conversando consigo.  
Por que agora caminha mudo  
se estava falando a princípio?  
decreto o forçaram a calar-se.  
Até os gestos lhe são proibidos.  
Fazem-se calar porque, certo,  
sua fala traz grande perigo.”*

João Cabral de Melo Neto – *Auto do Frade*.

Assinale a alternativa **incorreta**.

- (A) A fala é, em ambos os casos, um símbolo do exercício de liberdade.
- (B) A fala é vista, nos dois textos, como um instrumento de luta política.
- (C) Nas execuções públicas, os condenados eram proibidos de falar, pois havia o perigo de atrapalhar o andamento da cerimônia.
- (D) O carrasco faz o condenado se calar para que ele não exponha suas ideias, motivo de sua condenação.
- (E) O papel da fala é o de conscientizar as pessoas através do debate. Daí o seu perigo para o poder autoritário.

## 7. Ufes

“Pareceis de t $\tilde{e}$ nue seda,  
sem peso de a $\tilde{c}$ ção nem de hora...  
– e estais no bico das penas,  
– e estais na tinta que as molha,  
– e estais nas m $\tilde{a}$ os dos ju $\tilde{z}$ es,  
– e sois o ferro que arrocha,  
– e sois o barco para o ex $\tilde{i}$ lio,  
– e sois Mo $\tilde{c}$ ambique e Angola!”

(“Romance LIII ou das Palavras A $\tilde{e}$ reas”)

Cecília Meireles, nesse trecho de uma composi $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o inserida no *Romanceiro da Inconfid $\tilde{e}$ ncia*, dirige-se  $\tilde{a}$ s palavras atrav $\tilde{e}$ s de:

- A) processo anaf $\tilde{o}$ rico/ catacrese/ versos isom $\tilde{e}$ tricos.
- B) processo metaf $\tilde{o}$ rico/ antonom $\tilde{a}$ sia/ versos heterom $\tilde{e}$ tricos.
- C) processo anaf $\tilde{o}$ rico/ meton $\tilde{i}$ mia/ versos isom $\tilde{e}$ tricos.
- D) processo metaf $\tilde{o}$ rico/ alegoria/ versos heterom $\tilde{e}$ tricos.
- E) processo anaf $\tilde{o}$ rico/ s $\tilde{i}$ mbo $\tilde{l}$ o/ versos isom $\tilde{e}$ tricos.

**8. UFMG** Leia atentamente o trecho do *Romanceiro da Inconfid $\tilde{e}$ ncia*, de Cecília Meireles.

A $\tilde{i}$ , ouro negro das brenhas,  
ai, ouro negro dos rios...  
Por ti trabalham os pobres,  
por ti padecem os ricos.  
Por ti, mais por essas pedras  
que, com seu l $\tilde{i}$ mpido brilho,  
mudam a face do mundo,  
tornam os reis intranqu $\tilde{i}$ los!  
Em largas mesas solenes,  
v $\tilde{a}$ o redigindo os ministros  
cartas, alvar $\tilde{a}$ s, decretos,  
e fabricando delitos.

Todas as alternativas apresentam interpreta $\tilde{c}$ o $\tilde{e}$ s poss $\tilde{i}$ veis para o trecho e para a obra como um todo, **exceto**

- A) A ant $\tilde{i}$ tese entre Ouro negro e seu L $\tilde{i}$ mpido brilho ajuda a compor uma vis $\tilde{a}$ o ir $\tilde{o}$ nica da Hist $\tilde{o}$ ria.
- B) A reda $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o da legisla $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o colonial incentiva, pela impunidade, a pr $\tilde{a}$ tica de delitos.
- C) A riqueza das minas gerais agrava as diferen $\tilde{c}$ as existentes na sociedade colonial.

- D) O ouro traz consigo a mis $\tilde{e}$ ria da luta por sua posse.
- E) O ouro simboliza a ambi $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o do homem e sua luta pelo poder.

**9. Ufop** Leia o poema abaixo.

“Cen $\tilde{a}$ rio

Eis a estrada, eis a ponte, eis a montanha  
Sobre a qual se recorta a igreja branca.  
Eis o cavalo sobre a verde encosta.  
Eis a solteira, o p $\tilde{a}$ tio, e a mesma porta.  
E a dire $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o do olhar. E o espa $\tilde{c}$ o antigo  
para a forma do gesto e o vestido.  
E o lugar da esperan $\tilde{c}$ a. E a fonte, E a sombra.  
E a voz que j $\tilde{a}$  n $\tilde{a}$ o fala e se prolonga.  
E eis a n $\tilde{e}$ voa que chega, envolve as ruas,  
move a ilus $\tilde{a}$ o de tempos e figuras.  
A n $\tilde{e}$ voa que se adensa e vai formando  
nublados reinos de saudade e pranto.”

*Romanceiro da Inconfid $\tilde{e}$ ncia.*

O poema exemplifica uma t $\tilde{e}$ cnic $\tilde{a}$  po $\tilde{e}$ tica central do *Romanceiro da Inconfid $\tilde{e}$ ncia*, de Cecília Meireles. Assinale-a.

- A) Descri $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o minuciosa de lugares e cenas.
- B) Ficcionaliza $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o de personagens hist $\tilde{o}$ ricas atrav $\tilde{e}$ s de sua conviv $\tilde{e}$ ncia com outros puramente ficcionais.
- C) Refer $\tilde{e}$ ncia a dados hist $\tilde{o}$ ricos, com sua respectiva situa $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o espa $\tilde{c}$ otemporal.
- D) Uso da rima como centro do trabalho po $\tilde{e}$ tico.
- E) Vis $\tilde{a}$ o de fatos e processos atrav $\tilde{e}$ s da enumera $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o de elementos meton $\tilde{i}$ micos que constituem uma cadeia de significa $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o.

**10. Fuvest** O verso “S $\tilde{o}$  se estivesse alienado”, que funciona como um refr $\tilde{a}$ o no “romance LXXIII ou da inconformada Mar $\tilde{i}$ lia”, registra a rea $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o desta personagem do *Romanceiro da Inconfid $\tilde{e}$ ncia*  $\tilde{a}$  informa $\tilde{c}$ o $\tilde{a}$ o de que:

- A) seu amado, o inconfidente e poeta Cl $\tilde{a}$ udio Manuel da Costa, se suicidara na pris $\tilde{a}$ o.
- B) seu primo-irm $\tilde{a}$ o, o inconfidente Joaquim Silv $\tilde{e}$ rio dos Reis, tra $\tilde{i}$ ra os companheiros de conjura, delatando-os.

- C seu noivo, o poeta e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, se casara em África.
- D seu prometido, o árcade e inconfidente Dirceu, se suicudara na prisão.
- E seu companheiro na Inconfidência, o alferes Tiradentes, assumira sozinho toda a culpa da conjuração.

➤ Considere o trecho abaixo para responder às questões de 11 a 13.

*A dois séculos de distância, o espetáculo ainda é assombroso [...] Que de tão longe uma Rainha enlouqueça e venha a morrer no cenário final do drama; que os sonhos dos Inconfidentes se cumpram depois de tantas sentenças; e que o Brasil se torne independente dali a 31 anos, e a República seja proclamada exatamente ao cumprir-se um século sobre aquelas prisões — tudo parece impregnado de um mistério claro, desejoso de revelar-se e de se fazer compreender.*

MEIRELES, Cecília. “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência”, anexo a *Romanceiro da Inconfidência*. São Paulo: Global, 2012. p. 255.

**11. PUC-Campinas** É correto afirmar que a independência do Brasil realizou os sonhos dos Inconfidentes, como afirma Cecília Meireles, no que diz respeito

- A à participação massiva do povo na luta política pela soberania do país, uma vez que a adesão popular não aconteceu a tempo, durante a Inconfidência, dado que o movimento foi desbaratado em seu início.
- B ao combate à escravidão, perspectiva presente no movimento mineiro e que, logo após a independência, foi uma bandeira assumida como prioridade pela princesa Isabel.
- C ao rompimento dos vínculos coloniais com Portugal, pondo fim ao ônus da pesada tributação imposta, que cerceava o desenvolvimento econômico nacional, bem como ao poder da coroa portuguesa em decidir os rumos do país.
- D à instituição de um Estado soberano, independente, unificando toda a Nação sob a égide do governo da província de Minas Gerais, legitimado pelos símbolos pátrios consagrados, como a bandeira e o hino nacional.

- E ao fim da situação de atraso no país, pois, com a abertura dos portos após a Independência, o comércio e as exportações sofreram grande impulso, atraindo, principalmente, investimentos ingleses.

**12. PUC-Campinas** Tendo como centro os sonhos dos Inconfidentes, Cecília Meireles criou a obra-prima que é o *Romanceiro da Inconfidência*, poema

- A inteiramente composto em decassílabos, voltado para a exposição didática da ideologia dos seguidores de Tiradentes.
- B em prosa, que se tornou exemplo máximo desse gênero literário, logo adotado por vários outros modernistas.
- C épico, decalcado de *Os Lusíadas*, em que a autora demonstra grande familiaridade com a retórica clássica.
- D em que se alternam o tom épico e o lírico, o modo reflexivo e o narrativo, tudo se sustentando numa grande variedade de ritmos.
- E em que, mesmo buscando afastar-se dos fatos históricos, se entrevê aqui e ali alguma referência inequívoca à Conjuração mineira.

**13. PUC-Campinas** Referindo-se no texto à origem e à motivação do *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles sugere que uma obra literária

- A importa muito mais do que o fato histórico a partir do qual supostamente tenha sido gerada.
- B pode nascer a partir da atualização de um fato cujo sentido fundamental não perde força na história de um país.
- C impõe-se com mais força quando, rejeitando os valores do passado, propõe novos caminhos políticos para um país.
- D tem como finalidade espelhar de modo bastante fiel os elementos essenciais da formação de uma sociedade.
- E deve alicerçar-se na força da documentação histórica, sem a qual se arrisca a ser um exercício gratuito de imaginação.

# GABARITO

- 1. E**  
 Afirmativa I: correta. É possível identificar que é feito juízo de valor pela comparação com Judas.  
 Afirmativa II: correta. São colocadas lado a lado as figuras de Joaquim Silvério e Judas como dois símbolos da traição, embora Joaquim Silvério seja considerado pior.  
 Afirmativa III: correta. Entre o 5º e o 10º versos, é mostrada a lista de vantagens obtidas pelo delator da Inconfidência.  
 Afirmativa IV: correta. A oposição entre “grandes sonhos dos homens” e “surda força dos vermes” deixa claro um julgamento ético.
- 2. C**  
 Ao se dirigir diretamente à pessoa sobre quem fala (“Melhor negócio que Judas / fazes tu, Joaquim Silvério”), é estabelecido um diálogo. Além disso, o poema faz uso de versos brancos, ou seja, sem rimas ou com rimas imperfeitas.
- 3. C**  
 Afirmativa 1: verdadeira. O primeiro verso estabelece um cenário para que uma ação se desenrole.  
 Afirmativa 2: verdadeira. O poeta retratado no poema, Tomás Antônio Gonzaga, tem uma poética que pode ser identificada no texto.  
 Afirmativa 3: verdadeira. A voz que se apresenta em sonho de fato aparece transcrita entre aspas.  
 Afirmativa 4: falsa. O diálogo final, na verdade, tem a intenção de aumentar o drama da personagem.
- 4. D**  
 Apesar de ser baseado em um episódio histórico, o *Romanceiro da Inconfidência* carrega a característica de usar esses eventos como ponto de partida para uma reflexão mais ampla.
- 5. B**  
 O texto aborda o poder das palavras. Na terceira estrofe, enaltece sua força libertadora, além de evidenciar sua fragilidade e sua resistência, ao compará-la ao vidro e ao aço, respectivamente.
- 6. C**  
 Uma das ideias que perpassa o *Romanceiro da Inconfidência* e que pode ser vista também no trecho do poema de João Cabral de Melo Neto é a força das palavras. Assim, não é pelo perigo de atrapalhar o andamento da execução pública que os condenados são proibidos de falar, e sim para que suas ideias não se disseminem mais.
- 7. A**  
 A repetição anafórica e os versos isométricos ditam o ritmo do poema. Também é possível identificar o uso de catacrese (“bico das penas”).
- 8. B**  
 Não há, no poema, nenhuma indicação de que a prática de delitos é incentivada, e sim de que os próprios decretos e alvarás são delitos em si.
- 9. E**  
 O poema apresenta diversos elementos que, dentro do contexto do livro, trazem um significado mais amplo, caracterizando a metonímia.
- 10. C**  
 Após ser exilado, Tomás Antônio Gonzaga, deixando Marília para trás, acaba por se casar. O poema descreve o momento em que ela toma conhecimento do casamento dele.
- 11. C**  
 A independência trouxe o fim dos vínculos coloniais com Portugal, bem como da taxação sobre o ouro, que motivou boa parte dos inconfidentes a se rebelar.
- 12. D**  
 Ao longo do livro, é possível identificar diferentes padrões de rimas, além da alternância e combinação entre os gêneros lírico e épico, o que faz com o que os poemas transitem entre o tom intimista e o tom político.
- 13. B**  
 A autora consegue construir uma obra que, apesar de ser baseada em um evento histórico, não se restringe a apenas contar fatos; isso demonstra que há campo para se explorarem outras leituras, perspectivas e olhares sobre um mesmo evento histórico.



# AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)



2 0034 11 000100